

## OBRA-AULA: PROCESSOS, PROCEDIMENTOS E CRIAÇÃO DE UMA DOCÊNCIA PASSARINHAR

THIAGO HEINEMANN RODEGHIERO<sup>1</sup>; CARLA GONÇALVES RODRIGUES<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>Mestre PPGE – UFPel – thiagoalfa@gmail.com

<sup>2</sup> Docente PPGE UFPel – cgrm@ufpel.edu.br

### 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa versa sobre a contribuição que a arte contemporânea vem a oferecer à docência. Objetiva-se evidenciar uma Obra-Aula através da produção artística do pesquisador e como se relaciona com a artistagem (CORAZZA, 2013). Ao perceber os vazamentos que a arte contemporânea ocasiona à educação, mostram-se os encontros e experimentações com essas duas áreas.

Delineia-se num plano de consistência nas fronteiras borradadas da filosofia, da arte e da educação. Nas Filosofias da Diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010, 2011a, 2011b, 2015), encontra potência para manifestar as transformações dos significados hegemônicos incrustados nos significantes e nos signos. Partindo desse desenho, monta um agenciamento, responsável por evidenciar os picos de fuga das relações estabelecidas.

Ao fazer variar o pensamento comum da comunicação de informações em contextos expressáveis, desvia dos elementos combinados e de um código entendível entre destinador e destinatário (DELEUZE; GUATTARI, 2011b). Encontrando os vetores que tensionam os movimentos de desterritorialização e reterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 2011a), a arte põe a educação a problematizar seus modelos hegemônicos (CORAZZA, 2013).

Procurando referências artísticas no fazer junto de Allan Kaprow (2003, 2004, 2010), nas sensações de Kazimir Malevich (GIL, 2010) e na zona invisível de Marcel Duchamp (PAZ, 2014), orientada pela prática artística do pesquisador, encontra potência para romper com a representação. Buscando formas de fazer pensar com o público, experimenta-as ao invés de interpretá-las.

Compondo a geografia desta pesquisa, a Poética do Banal é o cotidiano inventado como forma de perceber o mundo. Uma prática produzida pelo pesquisador que é dividida em duas séries de obras: Pequeno Território (2016) e Ob.so.les.cên.ci.a (2017). Segmentando-as, são engendradas em sequências diferentes que inventam maneiras de dizer. Seu processo envolveu conhecer espaços e matérias habituais como forma de fazer em arte.

Questionando os sentidos únicos que impossibilitam a variação e a reprodução de algo já dado, as séries de obras evidenciam o fazer artístico como modo de criar na contemporaneidade. Por elas, os trajetos compõem com os meios. Os processos, procedimentos e criações dão densidade as atividades do artista, contribuindo assim com a educação.

Colocando em heterogenia com uma educação que transcria, sem modelos e programação, ensaiada como num simulacro de um teatro de artistagens de Corazza (2013), a poética do pesquisador mostra exequíveis modos de um fazer docente como arte. Desta forma, os procedimentos criam variações nos processos hegemônicos das didáticas sedimentadas, dando um fôlego com “novas e fortes lufadas de enunciação, que nos leva a pensar e a viver a Educação do mesmo modo que um artista pensa e vive a sua arte” (CORAZZA, 2013, p. 19).

Uma Obra-Aula é articulada a partir desse território existencial circunscrito que “marca as distâncias em relação a outrem e protege do caos” (ZOURABICHVILI, 2009, p. 46). Um modo de se fazer educação como se faz arte, dispensando os modelos saturados de bom professorado (CORAZZA, 2013), colaborando ao pensamento acerca da prática docente na contemporaneidade.

## 2. METODOLOGIA

Uma pesquisa em educação que usa um devir pássaro como força que movimenta os elementos de seu território. Um método ao modo de uma cartografia (DELEUZE, 2011) que se monta numa geografia heterogênea, utilizando-se das caoides (DELEUZE; GUATTARI, 2010) para compor um plano de consistência habitado por afectos das mais variadas ordens. Descartam-se os modelos prontos, investindo na exploração dos “meios, por trajetos dinâmicos, [...] [traçando] o mapa correspondente” (DELEUZE, 2011, p. 83).

O meio deste passarinho é construído por uma multiplicidade de matérias que, aos poucos, ganham consistência, criando uma nova terra que surge dessa superposição. Aqui eles são feitos “de qualidades, substâncias, potências e acontecimentos” (DELEUZE, 2011, p. 83). Essas propriedades são levantadas conforme o pesquisador dá densidade à geografia da pesquisa.

As referências em arte são encontradas por engendrarem a produção poética do Banal do pesquisador. Os artistas são vistos pelos seus processos, procedimentos e criação que adotaram durante o fazer de suas obras e das suas formas de trabalho. Uma mistura duchamp-malevich-kaprowniana com o banal, colocando os atos e a pragmática como maneira de configurar “diferentes políticas cognitivas” (KASTRUP, 2012, p. 33). Para tanto, estes elementos ocupam livremente um plano e se relacionam e articulam entre si, ganhando consistência. Inventa-se um território, inventam-se rotas e inventa-se uma força para lutar as estruturas com o passarinho. Logo se desenha um mapa para acompanhar os processos em andamento da pesquisa.

Um artistarinho habita uma geografia e faz surgir novas formas de pensar a educação e como um artista pensa a sua arte. Pousando sobre os artistas referência, bicando frutos poéticos e cantando uma Obra-Aula, ele faz melodia com a artistagem docente (CORAZZA, 2013). Um modo de superpor elementos variados, “não pode[ndo] ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 29) para pensar o impensado, bem como flautear o inflautável.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao deixar-se capturar pelos signos emitidos das obras de Kaprow, Malevich e Duchamp para compor as referências da série Pequeno Território e Ob.so.les.cên.ci.a da prática Poética do Banal, acontece um pensamento sobre as ações ao invés de uma técnica elaborada. As formas pelas quais se processou e procedeu colocaram a variar maneiras de convocar um público que, entre as lacunas disponíveis, cria novos sentidos. Deste modo, uma Obra-Aula começa a se desenhar pelos encontros com a produção do pesquisador e a artistagem docente de Corazza (2013).

Ao inserir o seu fazer como forma de arte, o pesquisador se relaciona com o processo de Kaprow e Duchamp. Depositando no comum e no cotidiano a materialidade de suas obras, é encontrado um outro mundo ainda por vir.

Suprimindo o excepcional da criação, deixa-se de esperar a comida que cai do céu e consegue-se olhar à frente (DELEUZE; GUATTARI, 2015) maneiras de perceber a vida.

A maneira como o artista procede com seus trabalhos, aos poucos, dispensa a representação de um mundo já visto e de formas já conhecidas, tensionando-as em novas direções e meios de fazer e dizer. Nesse aspecto, o processo de Malevich contribui para o pensamento da produção da poética do pesquisador, em que ao invés de mostrar o que o rodeia, opta-se por pensá-lo e evidenciar o fazer acima do seu resultado.

Os objetos e lugares são os responsáveis por colocar a Obra-Aula em movimento em suas potências e multiplicidades, permitindo que os agregados sensíveis (MACHADO, 2009) e os usos artísticos comuns sejam arrancados ao se formarem expressivamente. Do mesmo modo de Duchamp, a escolha do que vai ser exposto tem a ver com um fazer pensar ao invés de tentar dar sentidos únicos e significados já postos. Desta forma, uma Obra-Aula é a invenção de percursos e perspectivas para um território constituído num plano de consistência: criar procedimentos. A espessura desta docência-artista depende de entrega e engajamento ao desenhá-la. Distribuindo pontos, medindo as distâncias meticulosamente, com o maior número de perspectivas possíveis, aproxima as relações ainda não vistas, sentidas e experimentadas.

Estes objetos e lugares, de modo algum, são escolhidos por sua excepcionalidade e, por isso, aproximam-se dos procedimentos adotados por Duchamp na criação dos ready-mades. Por se mostrarem comuns e esteticamente neutros (PAZ, 2014), seu significado parece estar sempre posto, mas, ao reinventá-los como objetos de arte, ganham novos olhares e contornos: além do que os olhos veem (PAZ, 2014). É justamente no pensamento que se dotam de variações.

Um procedimento inventado no seio de uma pragmática, buscando na sua própria variação as maneiras de se dizer. Ao deixar que a falta de sentidos únicos sature, o Pequeno Território busca, na escassez de formas, a sua variação. Assim como Malevich, o pesquisador tinha a sensação como aliada para buscar modos de variação dentro de um conjunto limitado de peças. O significado único foi sugado para que rumores pudesse mudar o já posto.

Deste modo, há aí uma educação que dispensa os ditos bons modelos (CORAZZA, 2013), também inventando novas maneiras de se fazer. Ao criar uma aula como um artista cria sua arte, é urgente que o processo e os procedimentos também sejam como os da arte. Ao oferecer o seu modo de criar, o artistarinho revela a potência que dispensa imitar outros sons e acompanha o deslocamento, reinventando-o.

#### 4. CONCLUSÕES

Ao colocar em movimento processos e procedimentos de artista, uma força passarinhár é criada. Um método à maneira de uma cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 2011a) que voa, bica, faz ninhos, encontra parceiros, põe ovos, agarra-se, habita, desloca-se, caminha desengonçado, migra, suga néctar, imita e aprende: adapta-se. Criando trajetos em um território heterogêneo, permanece à espreita das relações.

Ao adotar uma abordagem de pesquisa teórica filosófica para falar de uma prática artística-docente, distribuíram-se afetos, dotando de potência as imanências. Um plano intensivo foi, aos poucos, sendo arrancado das relações que eram postas, “as forças intensivas subtendem as forças motrizes” (DELEUZE,

2011, p. 88). Compondo-a com as ações artísticas feitas pelo pesquisador (Prática Poética do Banal) e as suas referências artísticas (Allan Kaprow, Kazimir Malevich e Marcel Duchamp), novos trajetos evocaram fugas das linguagens dominantes e de uma educação presa em modelos.

Engendrado em suas referências artísticas, o Pequeno Território em plena Ob.so.les.cên.ci.a fez com que o pesquisador-artistarinho os relacionasse com a artistagem docente (CORAZZA, 2013). Portanto, uma Obra-Aula é possibilitada pelo cotidiano, pelo esgotamento e pela invenção, pensamento que convida “uma zona objetiva de indeterminação ou de incerteza, comum e indiscernível; na qual não se pode dizer onde passam as fronteiras de uns e de outros” (CORAZZA, 2013, p. 26). Uma tentativa de romper com estes modelos prontos é a docência apropriar-se de seus devires artista, ensaiando os conteúdos e os transversalizando, criando, partindo de práticas e matérias-pensamentos que já lhe são parte. Sem imitar, busca, nas formas de criação dos artistas referência, relações que montam aproximação de processos e procedimentos artístico-educacionais.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORAZZA, Sandra Mara. Para artistar a educação: sem ensaio não há inspiração. In: \_\_\_\_\_. **O que se transcrita em educação?** Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013. Cap.1, p.17-40.
- DELEUZE, Gilles. O que as crianças dizem. In: \_\_\_\_\_. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 2011. Cap. 9, p. 83-90.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia 2. vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011a.
- \_\_\_\_\_. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia 2. vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2011b.
- \_\_\_\_\_. **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- KAPROW, Allan. A educação do *an-artista* parte I. **Concinnitas** – Revista do Instituto de Artes da UERJ, Rio de Janeiro, ano 4, n. 4, p. 216-227, mar. 2003.
- \_\_\_\_\_. A educação do *an-artista*. Parte II. **Concinnitas - Revista do Instituto de Artes da UERJ**. Rio de Janeiro, ano 5, n. 6, p. 167-181, julho 2004.
- \_\_\_\_\_. Como fazer um *happening*. 1966. In: SEVERO, André; BERNARDES, Maria Helena (cur.), **Horizonte Expandido**, Santander Cultural, Porto Alegre, 2010.
- GIL, José. **A arte como linguagem**. A última lição. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2010.
- KASTRUP, Virgínia. O Funcionamento da Atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 32-51.
- MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- PAZ, Octávio. **Marcel Duchamp**, ou, O castelo da pureza. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Sinergia: Ediouro, 2009.